



## Humanismo e Modernidade – Petrarca faz 700 anos

Luís André Nepomuceno – Unipam

RESUMO: No presente artigo, comenta-se a celebração do 7.º centenário de nascimento do “fundador do Humanismo”, Francesco Petrarca (1304-1374), e faz-se um breve balanço de sua produção literária e das conquistas da crítica petrarquiana, do Romantismo a nossos dias.

PALAVRAS-CHAVE: Francesco Petrarca (1304-1374); Humanismo; Renascença.

Em 2004, Francesco Petrarca (1304-1374) fez 700 anos de nascimento. Diante desse número imponente e sedutor, não deixa de ser algo complicado, para críticos e historiadores da literatura, estabelecer elos e fronteiras entre, de um lado, essa personalidade emblemática e marcante da cultura literária e, de outro, seus reflexos em tempos posteriores. É certo que seu nome ocorre a qualquer um mais versado em manuais de história literária como um dos pilares mais significativos para a edificação do Humanismo na Itália e, posteriormente, para a Renascença na Europa. Difícil é propor pesos e medidas para compreender a importância de sua obra na modernidade. Pelo menos no Brasil, seu nome é lembrado apenas como o de um poeta melancólico, apaixonado por Laura (típica musa de seu tempo), chorando às margens do rio Sorgue, na bela Vaucluse do sul da França – lágrimas que iriam desencadear as poesias italianas do *Canzoniere*, um dos livros mais imitados da literatura pós-humanista. Hoje, 700 anos depois de seu nascimento, sabe-se que tudo isso não passou de um mito inventado e, de certa forma, difundido

pelo próprio poeta, e depois recuperado pela crítica romântica, como biografia idealizada<sup>1</sup>, como emblema de uma existência a ser posta como herança aos modernos. E sabe-se mais: que suas poesias italianas (hoje, o lado mais celebrado de sua obra) não representam mais que 10% de seus escritos, uma face reduzida, à qual o próprio humanista não dava o menor valor, pelo menos aparentemente. É que a Baixa Idade Média assistiu ao lento declínio do latim como língua literária, e ao surgimento das línguas vulgares (neolatinas) como possibilidade de novas expressões artísticas. Dante, por exemplo, defendera o *volgare* em seu famoso tratado *De vulgari eloquentia* e exercitara o italiano na sua obra máxima, a *Comédia*. Petrarca, ao contrário, julgou que o exercício das línguas neolatinas era tarefa menor, o que o teria levado a confessar, por exemplo, que seus poemas italianos eram inexpressivas tentativas da juventude, escritas apenas para divertir o ouvido do povo, incapaz de absorver as raízes mais finas do classicismo latino. Daí sua imensa produção em latim. Mas, se essa opção literária com ares de aristocracia e pedantismo pode soar como um ato de conservadorismo tardio, reside justamente aí uma das lições mais profundamente significativas do mundo moderno. O latim de Petrarca não era aquele utilizado nas universidades de seu tempo, ou nas sumas teológicas da Escolástica medieval, mas o latim da retórica e da poesia clássica, cujos modelos teriam sido Cícero, Sêneca, Virgílio e Horácio – ou seja, o latim clássico, porém agora readequado à nova visão de mundo do Humanismo. Enfim, a modernidade do mestre toscano consistiu em negar os princípios da linguagem dialética e racionalista (largamente utilizada pelos escolásticos, aristotélicos e averroístas do século XIV), para abraçar uma concepção de linguagem inovadora e, por que não dizer, moderna, em que os modelos retóricos latinos da Antigüidade serviam como fonte de expressão das novas angústias e incertezas do homem humanista. Em outros termos: Petrarca adequou a retórica latina a uma linguagem pautada pela subjetividade e

1. Sobre a idealização autobiográfica de Petrarca, veja-se Ugo Dotti, *Vita di Petrarca*, Roma/Bari, Laterza, 1993, pp. 24-26; e Nicholas Mann, *Petrarca*, trad. de Gian Carlo Alessio e Luca Carlo Rossi, Milão, LED, 1993.

centrada no indivíduo, e não nas supostas verdades da dialética, o que, de certa forma, significa ter praticamente inventado as bases da linguagem literária moderna.

## Recolhimento e vida pública

Tendo nascido em Arezzo, no interior da Toscana, no seio de uma família de tabeliães famosos do partido dos guelfos (seu pai fora amigo de Dante), Petrarca jamais teve residência fixa, ou mesmo o conforto de uma “pátria”, alternando, por toda a vida, uma existência errante entre o norte da Itália (Parma, Pádua, Milão, Veneza) e a Provença, no sul da França (Avignon e Vaucluse). É certo que chamava a Toscana de pátria, mas, se jamais optou por morar ali, é porque as perseguições e os fiscos de natureza política da época de seu pai ainda lhe povoavam a memória receosa. Mesmo quando um grupo de admiradores seus de Florença (entre eles, Boccaccio) o convidou, em 1351, para assumir uma cátedra na recém-criada universidade, Petrarca recusou discretamente o convite, ainda que o governo municipal lhe garantisse a reposição dos bens paternos e a restituição da dignidade familiar. A atitude foi vista pelos toscanos, decepcionados, como um gesto de arrogância e desdém. Para inteirar a decepção, o poeta e humanista, dois anos depois, foi fixar residência em Milão, junto dos Visconti, a família mais tirânica e imperialista da Itália medieval, que entre 1351 e 1353 ameaçava a Toscana – Florença, inclusive – com sua temível e furiosa política expansionista.

As andanças de Petrarca pelo interior da Europa parecem atestar o seu profundo interesse pela filologia e pelo Humanismo nascentes. Entre 1327 e 1347, ele morou em Avignon, então sede do papado e espaço de encontros e convivências culturais, onde se reunia grande parte dos primeiros filólogos e humanistas do século XIV. Ali, vivendo como capelão (*capellanus continuus comensalis*) dos Colonna<sup>2</sup>, uma família de aristocratas romanos ligados à Igreja, Petrarca fez

2. Wilkins, 1955, pp. 3-32, faz um rastreamento completo da carreira eclesiástica de Petrarca.

pesquisas e trabalhou como intelectual de corte, rastreando documentos perdidos e recuperando códices preciosos, como as *Décadas* de Tito Lívio, num trabalho de filologia moderno e impensável para o seu tempo. Em meio a influências e favores, tornou-se poeta laureado, recebendo a coroação em cerimônia solene no Capitólio, em Roma. Em 1345, descobriu em Verona um códice das cartas de Cícero a Ático, pouco conhecidas por aquelas gerações. A descoberta o impulsionou a escrever ele mesmo o seu próprio epistolário, de inspiração ciceroniana, que foi reunido e elaborado ao longo de 20 anos, e que ele chamou de *Rerum familiarium libri*. Pouco tempo depois, ligou-se, como simpatizante político, a um revolucionário romano, Cola di Rienzo, que tentou um levante contra as famílias nobres de Roma, os Orsini e os Colonna. Petrarca teria se entusiasmado fervorosamente com o projeto, na expectativa de que pudesse trazer à sua amada Roma a república dos tempos de Cícero. O projeto fracassou, mas diante dos fatos, o humanista não pôde senão romper com os Colonna, a quem dizia manter seu respeito e gratidão.

Para se refugiar das turbulências políticas e da balbúrdia dos centros urbanos, Petrarca adquirira (desde 1337) uma casa de campo, próxima a Avignon, na aldeia de Vacluse, e ali buscava repouso. É muito possível, conforme nos atesta o escritor em cartas a amigos, que ali, em sua modesta casinha de campo, às margens do Sorgue, ele tenha escrito solitariamente grande parte de sua obra, incluindo aí as famosas poesias italianas, as cartas familiares, os tratados, o poema *África* e textos menores. No silêncio de sua casa confinada no meio dos bosques, não resta dúvida de que ele corroborou para a criação do mito do poeta solitário e melancólico, que caminha sofregamente pelos campos, a chamar pelo nome da amada – imagem resgatada e tão inúmeras vezes imitada pelos românticos, alguns séculos depois. Entre 1347 e 1353, deu vida a um de seus textos mais criativos e perturbadores: o diálogo *De secretu conflictu curarum mearum* (conhecido como *Secretum*), em que imagina uma conversa profunda e angustiante, ao estilo de uma confissão, com Santo Agostinho, que extrai as mais íntimas revelações da alma.

Na década de 1350, entretanto, Petrarca abandonou o projeto da solidão e do ócio criativo, para se envolver com a já referida corte dos Visconti, em Mi-

lão, ou seja, a poderosa família que, se num primeiro momento prometera ao poeta descanso e tranqüilidade para seus trabalhos literários, logo exigiu dele algumas intervenções diplomáticas. Diante da exigência, ele viajou a Paris, a Praga e a Veneza, em missões de confiança. Datam desse período alguns desentendimentos seus com figuras da intelectualidade européia, o que o teria levado a elaborar escritos polêmicos e obras satíricas, como as invectivas que defendem: a soberania das “artes liberais” (como a poesia) sobre as “artes mecânicas”; a liberdade do artista (uma de suas grandes contribuições para o mundo moderno); a grandeza da retórica e do latim clássico em detrimento do racionalismo, da dialética e da Escolástica; a força da Cristandade, apoiada pelo classicismo latino; e a soberania de Roma, polemicamente vista por ele como a cidade divina, em tradição política, religiosa e cultural, superior a qualquer outra capital da Europa, sobretudo à concorrente Paris que, à época, reunia a intelectualidade escolástica e aristotélica. Cansado da vida de corte e das polêmicas que o indignavam, Petrarca fixou residência em Veneza e, posteriormente, em Pádua e Arquà, consolidando ali uma longa existência dedicada às letras e à política e que, depois, iria repercutir no mundo moderno.

A vida de Petrarca e seus impactos no campo das idéias foram vistos e revistos pelas gerações posteriores, sobretudo a partir do Romantismo. Como haveria de acontecer com tantos outros escritores, as interpretações de sua biografia são díspares, e estão sempre adequadas a circunstâncias ideológicas. A primeira geração de críticos românticos, inteiramente balizada pelos estudos do grande Francesco De Sanctis (em textos como o *Saggio critico sul Petrarca*, e o capítulo dedicado ao *Canzoniere*, em sua *Storia della Letteratura Italiana*), transformou o humanista num perfeito romântico *avant la lettre*. Foscolo e Carducci, por exemplo, deram excessiva importância às poesias italianas, numa típica atitude de românticos nacionalistas e, como De Sanctis, negligenciaram a imensa obra latina como material erudito e, de certa forma, desinteressante, tedioso e incompatível com os interesses modernos. Das mais de 500 cartas, em prosa e poesia latina, Fracassetti traduziu algumas dos *Rerum senilium libri*, já no século XIX, mas o impacto era ainda pequeno. Vieram as biografias igualmente românticas que se arrastaram até princípios do século

XX, seguidas de trabalhos biográficos modernos, fundamentados na crítica histórica e filológica<sup>3</sup>. Destes, Jerrold, apesar da queixa de que Petrarca fora lido apenas no vernáculo, acusava-lhe o excesso de interesse pela retórica e o lamentável esquecimento de que poesia é, acima de tudo, imaginação. A verdade é que Petrarca não fora querido pelos românticos, tanto quanto o Dante imaginativo do *Inferno*, porque sua poesia estivera associada demais ao gosto aristocrático da sociedade de corte até o século XVIII.

Mas foi só com a crítica do século XX e com a difusão dos métodos de historiografia literária e filologia que se descobriu a modernidade de Petrarca, e só por essa mesma modernidade é que se tem motivos para a celebração de seus 700 anos. A filologia petrarquiana moderna, impulsionada pela fundamental edição de *Pétrarque e l'Humanisme* (2 vols., 1907), de Pierre de Nolhac, e representada por nomes pioneiros como Giuseppe Billanovich, Guido Martellotti, P. G. Ricci, Ernest Wilkins, Vittorio Rossi, Foresti, e por outros modernos, como Marco Santagata, Claudia Berra e Ugo Dotti, dentre ou-

3. Das biografias românticas de Petrarca (séculos XVIII e XIX), são particularmente importantes: Jacques François Paul Sade (Abbé de), *Mémoires pour la vie de François Pétrarque, tirés de ses œuvres et des auteurs contemporaines, avec de notes ou dissertations*, Amsterdã, Arskee & Merkus, 1764-1776 (3 vols.), que é o primeiro grande trabalho biográfico que impulsionou obras do século XIX: Mrs. Dobson, *The Life of Petrarch*, Londres, T. Maiten, 1805; e Thomas Campbell, *Life of Petrarch*, Londres, Henry Colburn, 1841; Clemente Da Ponte, *Vita di Francesco Petrarca*, Pádua, Tipographia del Seminario, 1874; e Henry Cochin, *François Pétrarque* (1920), Paris, Société d'Édition d'Enseignement Supérieur, 1961. Dos herdeiros da crítica biográfica romântica, vejamos: Hollway-Calthrop, H.C. (1907), *Petrarch: his life and times*, New York, Cooper Square Publishers, 1972; Maud Jerrold, *Francesco Petrarca: Poet and Humanist*, Londres, J. M. Dent & Co., 1909; Edward H. R. Tatham, *Francesco Petrarca: the first modern man of letters. His life and correspondence. A study of the early fourteenth century (1304-1347). Vol. 1: Early years and lyric poems. Vol. 2: Secluded study and public fame*, Londres, The Sheldon Press, 1925-1926; Fortunato Rizzi, *Francesco Petrarca e il decennio parmense (1341-1351)*, Turim, G. B. Paravia, 1934. Das biografias modernas, nascidas da pesquisa histórica e filológica, vejamos: A. Foresti, *Aneddoti della vita di Francesco Petrarca* (1928), Pádua, Antenore, 1977; a série de Ernest H. Wilkins, *Petrarch's eight years in Milan*, Cambridge, Mass., The Medieval Academy of America, 1958; *Petrarch's later years*, Cambridge, Mass., The Medieval Academy of America, 1959, e *Life of Petrarch*, Chicago, The University of Chicago Press, 1961; e finalmente, Ugo Dotti, *Vita di Petrarca*, Roma/Bari, Laterza, 1987

tros, revirou documentos, códices, manuscritos, e sustentou uma compreensão aguda sobre o papel de Petrarca no Humanismo e na modernidade, sem a qual sua obra jamais teria sido contemplada como um todo.

## Humanismo e epistolografia

Uma das grandes dificuldades de compreensão da obra de Petrarca está justamente na forma como ele próprio elaborou sua biografia, a partir de elementos substanciais da filosofia, da história e da teologia patrística, que lhe eram caras. A crítica romântica não entendeu, por exemplo, que grande parte das crises espirituais e das formulações biográficas algo trágicas do escritor eram, na verdade, romanceadas, como uma espécie de fábula alegórica<sup>4</sup>. É que Petrarca ainda se apegava a modelos literários do estoicismo (como Sêneca) e da patrística (como Santo Agostinho), em que o texto deve assumir sempre um caráter moralizante e edificador, algo como um exemplo de ética e virtudes. Dessa forma, em grande parte de seus escritos, o humanista se esforçou por trazer a público, sobretudo em suas cartas, uma revelação biográfica idealizada e exemplar, que evidenciava o indivíduo frívolo e pecador, amante das musas e da poesia, que posteriormente se converteu e assumiu a causa da espiritualidade e da salvação cristã, numa trajetória que imitava os exemplos máximos da cristandade – Santo Agostinho em primeiro lugar. É por isso que sempre recusou, na maturidade, o envolvimento com a poesia e uma complacência com esta, embora tenha curiosamente se empenhado na revisão de seus poemas em *volgare*, até os últimos dias de vida. A julgar pela noção de *exemplum* estóico, outros textos seus, em latim, que refletissem sobre a retórica e o elogio das virtudes, pelo menos em sua consciência, tinham peso bem mais substancial e definitivo.

A partir desses elementos, Petrarca construiu ao longo de sua vida uma vasta obra epistolar latina, que registrou desde as suas primeiras experiências

4. Umberto Bosco, *Francesco Petrarca*, Roma/Bari, Laterza, 1973 (1ª ed., 1946); e Mann, 1993, *op. cit.*

como capelão e filólogo dos Colonna em Avignon, até os seus últimos anos em Veneza, Pádua e Arquà. Tantas eram as cartas que o escritor as dividiu em livros, conforme estrutura, temática e interesses: o primeiro conjunto, o já citado *Rerum familiarium libri* (ou *Cartas familiares*), que teve continuação em sua maturidade, com o *Rerum senilium libri* (ou *Cartas senis*); as epístolas métricas (em poesia latina); as curiosas cartas *sine nomine* que, pelo seu caráter politicamente polêmico e comprometedor, não apresentavam o nome do destinatário; além de outras cartas dispersas, divididas pela crítica entre *Varie* e *Miscellanea*<sup>5</sup>. De todos os grupos, as cartas familiares têm despertado o interesse crítico como um dos epistolários mais importantes da Idade Média, e um dos documentos mais significativos da história do Humanismo e da modernidade, não apenas pelo seu caráter puramente literário, em que a biografia se mistura a certos conteúdos alegóricos e moralizantes, mas ainda pela sua capacidade de registro de fatos quotidianos e emblemáticos da vida urbana do século XIV. Nessas cartas, como no genial *Decameron* de Boccaccio, existe um pouco de tudo, desde um singelo bilhete para convidar um amigo a um jantar humilde em sua casa de campo, até epístolas maiores a pontífices e imperadores, algumas delas verdadeiros tratados de política e moralidade.

Nesse imenso corpo literário de fragmentos de uma vida, Petrarca faz questão de organizar o todo, de forma a dar a ele uma visão de conjunto, algo como um registro biográfico, em que o romanceamento e a idealização dos

5. Edições do epistolário petrarquiano não são facilmente acessíveis ao leitor brasileiro. Das cartas familiares, tem-se: *Le familiari*, ed. de Vittorio Rossi, Florença, Le Lettere, 1997, 4 vols. (com texto latino); *Lettere delle cose familiari: lettere varie*, trad. it. Giuseppe Fracassetti, Florença, 1863-1867, 5 vols.; *Letters on familiar matters (Rerum familiarium libri)*, trad. ingl. de Aldo Bernardo, Baltimore/Londres, The John Hopkins University Press, 1975-1985, 3 vols. Das cartas senis, vejam-se: *Lettere senili di Francesco Petrarca*, trad. de Giuseppe Fracassetti, Florença, Le Monnier, 1869-1870, 2 vols.; *Letters of old age (Rerum senilium libri)*, trad. ingl. de Aldo Bernardo, Baltimore/Londres, The John Hopkins University Press, 1992, 2 vols. Outras coletâneas: *Lettere disperse: varie e miscellanea*, ed. de Alessandro Pancheri, Parma, Fondazione Pietro Bembo/Ugo Guanda Editore, 1994; e *Sine nomine: lettere polemiche e politiche*, ed. de Ugo Dotti, Bari, Laterza, 1974.

fatos têm valor mais significativo do que a veracidade e a experiência, muito embora ele sempre quisesse dizer o contrário, como na carta a Francesco Nelli, por exemplo (a *Fam.* XVIII 8, de 1355), em que convence o amigo de que, a exemplo de Cícero, não está preocupado em definir idéias acabadas e concluídas, mas expressar o rumo e a indecisão de seus pensamentos. É claro que essa suposta espontaneidade de seus registros mais íntimos é totalmente falsificada. Exemplo disso é uma outra carta ao mesmo Nelli (*Fam.* XXII 10, de 1360), aliás famosa, em que o escritor garante que, na juventude, lera com fervor e paixão os clássicos latinos, como Cícero e Virgílio, e que agora abandonava esses retóricos pagãos para se dedicar inteiramente à sua própria salvação, sustentada pela leitura de São Jerônimo, de Santo Agostinho e dos Salmos. Trata-se de informação nitidamente inspirada no desejo algo romançado de se projetar como referência literária capaz de promover um histórico e uma trajetória de “exemplo fabular” e de virtudes estóicas, como fizera Sêneca, nas *Cartas a Lucílio*, um de seus grandes modelos.

Mas um dos ganhos mais substanciais das cartas familiares, e que as torna referência para o mundo moderno, é a sua capacidade de expressão de conteúdos da subjetividade, já que Petrarca se propôs ali a fazer uma espécie de revisão de sua alma, de seus sentimentos e angústias, embora o projeto inicial de “retrato de uma existência”, de feição ciceroniana, tenha assumido um contorno plástico mais idealizado, quase artificioso, pautado pela necessidade da exemplaridade estóica, de feição senequiana. De qualquer forma, Petrarca, vez ou outra, se flagra em revelações íntimas, saborosas à modernidade, como nas cartas angustiosas, enviadas a seu filho problemático, ou naquelas outras em que mostra o desespero pela perda de amigos, mortos com a peste de 1348. São estes os momentos mais preciosos de seu epistolário, ou seja, quando o filósofo moral dá espaço ao literato, ou antes, ao humano, simplesmente. Ou ainda: é o momento em que o engenho do artista, ao recusar a linguagem dialética e racionalista de seus contemporâneos, volta-se ao universo clássico, para extrair deste as infinitas possibilidades de uma linguagem retórica a ser adequada às novas necessidades de um contexto, em que o texto, misto de filosofia e literatura, é a expressão mais

perfeita do indivíduo que examina sua própria consciência, como pesquisa daquilo que é tão legitimamente humano.

### Escritos polêmicos

Nos últimos 20 anos de sua vida, Petrarca, talvez contra sua vontade, esteve às voltas com certas polêmicas instigadas por alguns desafetos, a que ele sempre se referia como invejosos e ávidos de poder. A primeira dessas batalhas verbais se deu contra um médico de corte, entre 1352 e 1353, numa circunstância pitoresca. Encontrando-se o papa Clemente VI muito enfermo, Petrarca enviou-lhe uma carta, dizendo que não confiasse inteiramente no trabalho de médicos que atuavam em equipe, porque estes mantinham interesses diferentes e muito dificilmente se entendiam. O fato causou dissabor entre os médicos que assistiam ao papa. Um deles, não identificado, escreveu a Petrarca uma carta injuriosa, em que se defendia e acusava a classe dos poetas de invenções mentirosas e falsos artifícios. O humanista retrucou com uma invectiva; o médico respondeu com um escrito longo, verdadeiro tratado sobre a importância da medicina e a inutilidade da poesia, ao qual o poeta respondeu com outras invectivas que, mais tarde, foram reunidas sob o nome de *Invective contra medicum*.

Embora não seja o melhor de Petrarca, o texto elucida algumas de suas posições sobre a arte, sobre a poética e a retórica, até então jamais reunidas sob a forma de um tratado – ainda que às *invective* não se possa dar esse título. De qualquer forma, os quatro pequenos livros que compõem o volume, apesar do preconceito medieval contra as “artes mecânicas” de que estão imbuídos (incluindo a medicina, segundo convicção da época), representam curiosa referência de defesa da poesia, da liberdade do escritor e de ataque contra o racionalismo escolástico e dialético das universidades medievais. Pautado por um pensamento liberal e centrado na edificação das virtudes do estoicismo, o humanista indignava-se diante de qualquer arbitrariedade científica que tomasse os ensinamentos naturais de Aristóteles e Averróis (o intérprete medieval do aristotelismo) como verdades postas e indiscutíveis.

A batalha das artes travada contra o médico acabou abrindo portas para escritos posteriores, que igualmente desenvolveram idéias sobre a natureza da retórica e da poética, e sobre o longo conflito entre o racionalismo escolástico e a expansão dos *studia humanitatis*, de que Petrarca era efetivamente o nome central. O curioso *De sui ipsius et multorum ignorantia* (1367), escrito em resposta a quatro jovens que o teriam tido por um homem bom, porém ignorante, ofereceu-lhe uma deixa preciosa para evidenciar, quase em forma de tratado, suas convicções sobre a importância decisiva das virtudes e da fé cristã, em detrimento de um saber científico e especulativo que, quanto mais buscado, mais distanciava o homem da força divina. Ali, Petrarca confessa abertamente sua ignorância profunda no tocante ao saber, se por ignorância se entende o desconhecimento das investigações naturalistas do averroísmo então vigente. Por fim, o humanista questiona, quase em sintonia com Agostinho, a razão de o homem querer saber tanto sobre os animais e os fenômenos da natureza, se, ao mesmo tempo, desconhece as razões mais íntimas de sua própria alma<sup>6</sup>.

Os escritos polêmicos de Petrarca, basicamente elaborados em forma de invectivas, ao estilo medieval, embora não tenham sido considerados por seu autor como sua produção mais significativa (na introdução do *De ignorantia*, o humanista revela escrever apenas porque fora provocado), determinaram, contudo, o conjunto das idéias de Petrarca sobre sua própria arte, sobre o projeto humanista em si, sobre as complexidades da linguagem e da eloquência e, por fim, sobre o papel do intelectual. Embora não sistematizado, pelo menos sob o ponto de vista de uma coerência argumentativa interna – os argumentos vêm à baila, conforme provocações de seus interlocutores –, esse *corpus* teórico acabou por definir as intenções mais puramente estéticas e políticas de Petrarca, à época já poeta famoso e homem maduro, na corte dos Visconti.

É importante que se diga que, nessa polêmica furiosa contra a Escolástica e os estudos das ciências naturais da filosofia medieval, o humanista promoveu

6. Os tratados latinos de Petrarca foram reunidos em *Opere latine*, ed. de Antonietta Buffano, Turim, UTET, 1975, vol. 4.

uma subversão extraordinária no conhecimento, bem como uma verdadeira reorientação dos estudos escolásticos, substituindo as sumas, as sentenças e as *quaestiones* medievais, pelo ensaio subjetivo (continuado por Montaigne), pela carta familiar, pelo tratado, pelo trabalho filológico e pelos diálogos. Como bem pontua Kristeller<sup>7</sup>, ainda que as gerações humanistas posteriores, ou mesmo as gerações atuais, tenham buscado a ciência e a razão como ponto de equilíbrio dos estudos, o humanismo petrarquiano estampou, para a modernidade, a marca da subjetividade e da subversão do conhecimento pela dúvida da consciência individualista. Mesmo os teólogos e filósofos mais puramente ligados à tradição escolástica e aristotélica, nos séculos XIV e XV – Coluccio Salutati, Marsilio Ficino, Pico della Mirandola, Pomponazzi etc. –, envolveram-se profundamente com os *studia humanitatis*, deixando entrever uma relação inevitável com a percepção subjetiva e os trabalhos de filologia.

### Petrarca, 700 anos depois

O Brasil tem uma imensa dívida com o poeta de Laura, já que a crítica filológica e histórica da Itália, bem como a compreensão do sentido e da modernidade de sua obra, não chegaram a ter grande impacto sobre nossos estudos avançados. Pouco lido e quase nada traduzido, o humanista é daquelas figuras literárias extremamente citadas (qualquer apostila do ensino médio refere-lhe o nome, em capítulo sobre o Humanismo), e a cuja obra poucos se dedicam. Não fosse uma antologia de rimas do *Canzoniere* traduzidas por Jamil Almansur Haddad em 1945, sob o nome de *O Cancioneiro de Petrarca*, e depois reeditada pela Ediouro, na Coleção Poemas de amor (volume, ao que tudo indica, já esgotado), é possível que Petrarca passasse em brancas nuvens, sem um público mais vasto no Brasil. No entanto, sua influência, balizada pela lírica camoniana (o maior dos petrarquistas de língua portuguesa), é profundamente marcante entre os poetas, e explica o trajeto de nossa poesia amorosa, desde Gregório de Matos até

7 Paul Oskar Kristeller, "Petrarch", *Eight philosophers of the italian renaissance*, Stanford, Stanford University Press, 1999, pp. 1-18.

os modernos, passando por Vinícius de Moraes e Drummond. É só pela influência duradoura de Petrarca que se explica, por exemplo, esse curioso jogo de antíteses dos versos de Vinícius, no “Soneto do Maior Amor”:

Maior amor nem mais estranho existe  
Que o meu, que não sossega a coisa amada  
E quando a sente alegre, fica triste  
E se a vê descontente, dá risada.

A fortuna crítica sobre o humanista também é tímida por aqui: é possível ler um ou outro texto teórico (sobre sua poesia, especialmente) num volume de Ungaretti, e num outro de De Sanctis, hoje traduzidos. Mas ainda é preciso fazer muito, e talvez as comemorações do 7.º centenário sejam uma oportunidade feliz. Na Itália, para 2004, o governo organizou uma Comissão Nacional, presidida por Michele Feo, para cuidar de edições críticas e eventos sobre o “primeiro moderno”. Reedições de suas obras já estão disponíveis no mercado: a obra completa (*Opera Omnia*), reunida pela primeira vez, desde a edição de 1554 (Basiléia), foi lançada em CD-ROM em 1997, pela Lexis Progetti Editoriali, na Coleção Archivio Italiano, aos cuidados de Pasquale Stoppelli, e pelo inacessível preço de 877 euros. A relação das obras petrarquianas pode ser acessada na página <http://www.lexis.it/pdf/petrarca.pdf>. O CD-ROM contempla todas as obras latinas e em vernáculo do “fondatore dell’Umanesimo”, incluindo textos das obras, bem como a concordância de cada uma, ambos acompanhados dos respectivos índices. A editora Libri Scheiwiller publicou uma *Agenda letteraria Francesco Petrarca 2004*, que divulga os principais acontecimentos do ano. A Comissão Nacional prometeu reedições importantes para esse ano. E em Portugal, foi lançada, no final de 2004, a primeira tradução completa do *Canzoniere*, editado como *Rimas de Petrarca*, traduzidas por Vasco Graça Moura.

Em conferência de 1974, na Accademia Petrarca de Arezzo (quando das celebrações do 6.º centenário de morte de Petrarca) - publicada posteriormente nos *Studi Petrarqueschi* (1976, pp. 219-230) -, P. G. Ricci, um dos estudiosos mais importantes de Petrarca do século XX, dizia que o 5.º centenário de morte

(em 1874) fora celebrado quando a crítica ainda se deixava dirigir pelas lições de De Sanctis, e que agora, 1974, muito havia para se comemorar, a julgar pelos avanços da fortuna crítica do *Novecento* e pelas conquistas do mercado editorial. Terminava sua conferência indagando sobre trabalhos futuros: era preciso uma edição da obra completa, já que certos textos só se encontravam em estampas do século XVI. Hoje, caso estivesse vivo, o crítico e filólogo seria um entusiasta da nova expansão da fortuna crítica moderna, mas entenderia que é preciso que o genial Petrarca seja lido e admirado do outro lado do mundo. Afinal, seu nome nem consta da lista dos 100 maiores gênios da história literária de Harold Bloom.

*ABSTRACT: Nel presente articolo si commenta la celebrazione del VII centenario della nascita del "fondatore dell'Umanesimo", Francesco Petrarca (1304-1374), e si fa un breve bilancio della sua produzione letteraria e delle conquiste della critica petrarchesca moderna, dal Romanticismo ai nostri giorni.*

*PAROLE CHIAVE: Francesco Petrarca (1304-1374); Umanesimo; Rinascimento.*

## Referências bibliográficas

- BERRA, CLÁUDIA (ed.). *Motivi e forme delle Familiari di Francesco Petrarca*. Milão: Cisalpino, 2003 (Col. "Quaderni di Acme").
- BILLANOVICH, GIUSEPPE. *Petrarca e il primo umanesimo*. Pádua: Antenore Editrice, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Petrarca letterato. I. Lo scrittoio del Petrarca*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1947.
- COCHIN, HENRY. *Un ami de Pétrarque. Lettres de Francesco Nelli a Pétrarque*. Paris: Éd. Honoré Champion, 1892.
- DE SANCTIS, FRANCESCO. *Saggio critico sul Petrarca*. 2. ed. Turim: Einaudi, 1964.
- DOTTI, UGO. *Petrarca civile: alle origini dell'intellettuale moderno*. Roma: Donzelli, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Petrarca e la scoperta della coscienza moderna*. Milão: Feltrinelli, 1978.
- FENZI, ENRICO. *Saggi petrarcheschi*. Florença: Cadmo, 2003 (Col. Letteratura Italiana Antica: 5).
- MARTELOTTI, GUIDO. *Scritti petrarcheschi*. Ed. de Michele Feo e Silvia Rizzo. Pádua: Editrice Antenore, 1983.
- PHELPS, RUTH SHEPARD. *The Earlier and Later Forms of Petrarch's Canzoniere*. Chicago: The University of Chicago Press, 1925.
- RICCI, PIER GIORGIO. *Miscellanea petrarchesca*. Ed. de Monica Berté. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1999.

- RICO, FRANCISCO. *Il Sogno dell'Umanesimo: da Petrarca a Erasmo*. Trad. Daniela Carpani. Turim: Einaudi, 1998.
- SANTAGATA, MARCO. *I frammenti dell'anima: Storia e racconto nel Canzoniere di Petrarca*. Bologna: Il Mulino, 1992.
- WILKINS, ERNEST H. *Studies in the life and works of Petrarch*. Cambridge, MA: The Medieval Academy of America, 1955.
- \_\_\_\_\_. *The making of the "Canzoniere" and other petrarchan studies*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1951.
- ZACCAGNINI, GIUSEPPE M. *Petrarca fra medioevo e umanesimo: l'esperienza letteraria della parola*. Nova York/Londres: Garland Publishing, Inc., 1991.